

Althusser and His Contemporaries: Philosophy's Perpetual War

WARREN MONTAG

Durham (NC): Duke University Press, 2013, 246p.

*Igor Peres**

Combinando a ideia da filosofia como campo de batalha (*kampfplatz*) e o entendimento de Louis Althusser da prática teórica como intervenção em determinada conjuntura, Warren Montag propõe reler a obra deste último baseando-se não só em seus escritos, mas relacionando-os com a conjuntura teórica de então. O livro é dividido em três partes: “estrutura”, “sujeito” e “origem/fim”. Para introduzir a parte sobre a estrutura, no primeiro capítulo, Montag procura evitar dois extremos: primeiro, posicionar Althusser sem mais no interior do estruturalismo, amparando-se para isso na detecção do uso puro e simples de termos e predicativos vinculados ao motivo “estrutural”; segundo, identificá-lo simplesmente como um teórico do “encontro”. Alternativamente, propõe examinar documentos textuais que desestabilizem a própria definição do “campo do estruturalismo” (p.22).

O que nomes como Montesquieu e Dilthey fariam presentes em um curso sobre “as origens do estruturalismo” organizado por Althusser em 1962-3? O enigma se resolve quando Althusser esclarece que a tentativa do primeiro de solucionar a tensão entre a “natureza” dos governos e seus “princípios” a partir da ideia de “totalidade” teria resultado em uma determinada noção de estrutura que ganharia forma “acabada” com Hegel a partir da construção de uma totalidade destinada a unificar adequadamente as diversidades, a partir de um princípio interno único,

* Mestre em Sociologia pelo Iesp/UERJ. E-mail: igorperesjeronimo@gmail.com

produzindo uma concepção de “tempo histórico” onde as partes de um todo determinado atuariam como meras *pars totalis*, ou seja, expressões de uma unidade de essência lógica e cronologicamente dada de antemão (p.32). A inclusão da filosofia hermenêutica de Dilthey e de seu historicismo correspondente nesta discussão serviria, então, para mostrar que dada uma determinada concepção de todo, avançadas tanto por Montesquieu quanto por Hegel, a oposição entre sincronia e diacronia seria um falso problema na medida em que sucederiam historicamente as totalidades concebidas, na origem, de forma equivocada.

No capítulo 3, Montag começa a reflexão destacando a crítica de Husserl ao historicismo de Dilthey, que teria desembocado num relativismo. Contudo, esta crítica padeceria de um equívoco: o apriorismo no tratamento das ciências, que foi objeto de um texto muito pouco explorado de Althusser intitulado “Sur L’objectivité de l’histoire. Lettre à Paul Ricoeur” (p.38). Para romper o apriorismo, Montag destaca o papel da obra de Jean Cavailles e Georges Canguilhem para Althusser. A valorização de Cavailles por Althusser, em particular, é uma forma de discordar do diagnóstico de Foucault de que Husserl seria ao cabo o fundamento tanto da filosofia da experiência quanto do formalismo da filosofia francesa dos anos 1950-60, pois em Cavailles e sua crítica das garantias transcendentais da ciência, já aparecia a reflexão sobre outra noção completamente distinta de *estrutura*. Husserl não poderia ser o responsável pela revolução do conceito de estrutura presente em Cavailles e também em Canguilhem, argumenta Montag no capítulo seguinte (4), pois ele e seu apelo à construção de uma gramática pura, assim como Hegel, seriam, segundo depoimento de ninguém menos que Lévi-Strauss, os responsáveis pela fundação estruturalista.

O centro do capítulo 5 está na utilização que faz Montag de uma troca de correspondências entre Althusser e Pierre Macherey. Este último reprova o uso do conceito de “todo estruturado com dominante” em *Lire le Capital*. Para Macherey, além de desnecessário na economia demonstrativa do texto, ele arriscava reatualizar a ideia de totalidade que outrora Althusser teria veementemente criticado. Após concordar integralmente com Macherey, Althusser lhe pede algumas referências para ultrapassar a dificuldade (p.74). As referências decisivas de Macherey para Althusser consistiam na leitura de Deleuze de Lucrecio e nas formulações de Spinoza contidas numa carta à Oldenburg. Importaria aí a ideia do andamento da sociedade como conjunções sucessivas sem possibilidade de totalização, concepção ontológica próxima da ideia de “conjuntura” (p.95), desenvolvida por Althusser em *Contradição e sobredeterminação*, por exemplo.

No capítulo 6, Montag decide abordar a questão do sujeito por meio do tema da ideologia. Trata-se de jogar duas definições de ideologia uma contra a outra. A primeira que a pensa como sistema de representações que se atualizariam num sujeito e a segunda centrada no conceito de experiência vivida (*vécu*). Montag distingue esta última expressão do uso que dela fazem os fenomenólogos. Sua fundação é outra e é por isso que Althusser pode avançar a seguinte tese: “consciência,

isto é, atitude”. A conjunção “isto é”, significando equivalência, é a mesma que havia utilizado Spinoza quando afirmou, para o escândalo dos teólogos: “*Deus sive Natura*”, ou seja, Deus, isto é, natureza. Montag enxerga aí a crítica althusseriana à filosofia da consciência e ao erro de se conceber o homem tal qual um império no império (“*imperium in imperio*”) (p.117).

O mesmo motivo move sua proposta de uma genealogia do conceito de interpelação no capítulo seguinte, o sétimo. O livro mais utilizado em tal empreitada é praticamente ignorado pelos comentadores: trata-se de *Psychanalyse et sciences humaines: deux conférences*, publicado em 1996. Montag provoca aqui uma tensão entre uma teoria da interpelação inspirada na dialética do senhor e do escravo de Hegel, isto é, baseada numa teoria do reconhecimento fundada numa filosofia da consciência, contra uma teoria da ideologia fundada no primeiro gênero do conhecimento de Spinoza, a imaginação (p.128). Esta tensão provocada abre passagem para a formulação da tese da materialidade da ideologia. No capítulo 8, Montag aproxima Althusser e Foucault. Este último serviria de espelho para as ambivalências da teoria da ideologia de Althusser e poderia servir de produtivo confronto para a confecção de uma teoria da sujeição às tecnologias de poder fundada na “construção dos corpos” (p.168), o que já despontaria em Althusser no uso que faz do conceito de aparelho.

Abrindo a terceira e última parte do livro, Montag toma logo de início distância com relação ao deslumbramento que causou *Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre*, pontuando os equívocos de interpretação e de atribuição que comete Althusser neste ensaio. Mas o ponto mais importante é que Montag defende, convincentemente, em nossa opinião, a tese de que Althusser acabou por produzir uma escatologia que faz com que o materialismo do encontro ali anunciado e mesmo pensado seja subsumido em uma teoria da contingência transcendental que ontologiza o que é histórico, conferindo importância excessiva à “revogabilidade” do encontro que “pegou” e direcionando a história para o vazio que, não por acaso, é transformado por Althusser em objeto *por excelência* de uma postura materialista em filosofia (p.185). No capítulo derradeiro, “L’internationale des bons sentiments”, escrito em dezembro de 1946, Montag fornece os elementos para criticar a escatologia de *Le courant*. Althusser examina os textos de alguns de seus contemporâneos (Albert Camus, Gabriel Marcel e André Malraux) e localiza aí um tema filosófico e politicamente decisivo: o destino (p.202). Este destino usado no período pós-Segunda Guerra para unificar a humanidade diante do perigo iminente de sua destruição é acidamente criticado por Althusser que destituiu a escatologia em proveito do presente. Aprisionamento? Fatalismo? Absolutamente. Destituir as escatologias, isto é, combater pelo fim dos destinos, significa enxergar melhor as correntes que agem no presente e conseqüentemente fornecer as armas para rompê-las.